

## **Economia política marxista: um balanço**

Theotonio dos Santos

*Professor titular da Universidade Federal Fluminense*

Por toda parte vemos hoje fortes críticas à economia como ciência ou como fundamento válido para as políticas econômicas (1). Estes ataques questionam a legitimidade e as pretensões científicas da teoria econômica. Este ceticismo é, de fato, consequência do desvio da chamada teoria econômica para uma temática e uma metodologia que restringem drasticamente seu alcance e sua relevância. E isto ocorre num momento em que se amplia, em vez de restringir-se, o campo dos fenômenos estudados pela economia política em suas origens e suas interações.

### **A ECONOMIA POLÍTICA E A ECONOMIA NACIONAL**

De fato, nas suas origens, ela foi Economia Política. Ou seja, ela tinha a pretensão de analisar o ciclo econômico, e o esquema da produção e da circulação no interior de um Estado Nacional e suas relações com outras economias nacionais. As principais questões econômicas foram, assim, confinadas ao nível nacional. Os economistas clássicos propunham-se a romper com as preocupações dos mercantilistas, para os quais o fenômeno comercial e a relação da nação com a economia internacional apareciam como fundadores da análise econômica. Quesnay voltou-se para o processo produtivo e para a produção e a circulação da riqueza no interior de cada nação. A partir deste momento, a economia política clássica seguiu o mesmo caminho. Adam Smith e Ricardo vão encontrar o fundamento da riqueza nacional no processo de trabalho e no valor que vincula o trabalho ao processo de circulação. Eles desenvolveram uma análise científica do processo de produção e de circulação.

Não nos esqueçamos, contudo, que Adam Smith escreveu seu principal livro para explicar "a riqueza das nações". Havia, assim, uma intenção comparativa e normativa na sua investigação teórica. Ele encontrou a fonte desta riqueza nos efeitos da divisão do trabalho sobre o aumento da produtividade. A quantidade e a produtividade do trabalho

são o fundamento do valor dos produtos, explicam a maior ou menor riqueza de uma economia nacional e devem ser o instrumento de análise utilizado para comparar a renda entre as várias nações. Para alcançar um resultado mais efetivo, o economista teria que investigar a formação da economia nacional, em cujo mercado trocavam-se os bens que se produziam. Saía-se do campo da política e da economia internacional para o campo da economia nacional fundando-se uma ciência que tinha como elementos essenciais as noções de valor, moeda, mercado nacional, circulação e renda (e seus componentes: capital, trabalho e propriedade da terra).

Ao contrário dos mercantilistas, que davam especial ênfase ao comércio internacional e às balanças de pagamento, a economia política preocupava-se com o Estado, com os sistemas fiscal e monetário; com o salário, o lucro e a renda da terra; com o mercado e, somente no final, com as relações com o exterior.

### **O OBJETO DA ECONOMIA SEGUNDO MARX**

Karl Marx estendeu o objeto de estudo da economia ao aprofundar a análise da teoria do valor e ligá-la ao processo de trabalho (dentro de um sistema econômico-social dado), às classes sociais, às formações sociais e, de maneira mais geral, a certos modos de produção que articulam as relações econômicas, sociais, políticas e ideológicas. Ele estabelecia, assim, o fundamento para uma ciência social onde a especificidade do econômico, do social, do político ou do ideológico se apresentavam como momentos de uma totalidade que assumia a forma de um processo histórico singular. Esse processo era, por sua vez, um momento da história da natureza, da qual a humanidade emergiu como um elemento qualitativamente novo que se diferenciou, até certo ponto, da história natural. O surgimento da espécie humana com seu cérebro, sua mão articulada e sua capacidade de transformar a natureza para alcançar seus próprios fins, introduziu na história natural uma nova história: a história da humanidade.

O caminho proposto por Karl Marx e seu companheiro Friederich Engels era, contudo, extremamente difícil. Ele supunha uma vinculação muito complexa entre o processo de conhecimento e o processo de organização política das forças sociais. No caso da sociedade contemporânea, o proletariado foi identificado por Marx como o agente privilegiado das transformações históricas que viabilizariam o estabelecimento de um novo modo de produção, conduzindo a uma nova etapa civilizatória. Este novo modo de produção deveria ser precedido por formações sociais de transição que preparariam o seu estabelecimento histórico. Mas para chegar a ele, não basta o simples desenvolvimento espontâneo da história. Torna-se necessária a ação consciente da humanidade. Estabelece-se uma relação extremamente complexa entre o processo de conhecimento, particularmente o conhecimento científico, e a ação política.

Era evidente que o caminho proposto pelo marxismo teria grandes dificuldades para institucionalizar-se porque o movimento social com o qual ele se identificava foi perseguido durante todo o século XIX, ocasião em que foi colocado muitas vezes na ilegalidade, sendo o exemplo mais importante a ilegalização do Partido Social Democrata alemão por Bismarck. Na última década do século XIX, este movimento conseguiu impôr-se em vários países na forma de partidos políticos legais e estabeleceu um conjunto de instituições locais, nacionais e internacionais que lhe permitiu dar um suporte institucional para a atividade intelectual e o conhecimento científico. Foi nesta época que se desenvolveu a primeira onda de estudos "marxistas", sobretudo na Alemanha, na Áustria, na Rússia e na Europa central.

#### **OS CAMINHOS DA ECONOMIA POLÍTICA MARXISTA**

Discutindo esta questão no início do século XX, Rosa Luxemburgo afirmava que os discípulos de Marx haviam conseguido fazer avançar o marxismo, depois de sua morte, num plano extremamente limitado e muito influenciado pelas necessidades da luta política imediata (2). Estas necessidades restringiram as preocupações teóricas do marxismo a um campo de aplicação diretamente relacionado com esta luta política. A teoria econômica do marxismo (junto com os seus aspectos filosóficos, sociológicos e culturais) ficou restrita a alguns campos de interesse político imediato, tais como a

denúncia da exploração da classe trabalhadora, a crise econômica como fundamento da crise geral do capitalismo e como possível base da derrubada geral do sistema e da criação de uma nova formação social de transição socialista - cujas características foram estudadas muito vagamente (3).

Hilferding (1981) analisou a formação do capital financeiro, que unia o capital industrial concentrado e monopolista com o capital bancário, sob hegemonia deste último. Plekanov (1940, 1973, 1978, 1980), o próprio Lenin (1969 e 1975) e poucos mais haviam avançado no plano filosófico tentando definir a especificidade da dialética marxista e do materialismo histórico. Franz Mehring (1897-98) aplicou o método marxista à análise do surgimento da social-democracia alemã num livro clássico. Kautsky (1925, 1972) analisou a questão agrária na idade média e o surgimento do cristianismo na Antigüidade. Lenin (1970) analisou o desenvolvimento do capitalismo russo, a sua penetração no campo e a destruição da antiga economia feudal, para derivar desta análise um programa agrário e uma estratégia política. Rosa Luxemburgo (1976) aprofundou a análise da acumulação e introduziu elementos importantes para a compreensão da maneira como se produzia a resposta do capitalismo às crises inerentes ao seu funcionamento. Posteriormente, Lenin (1979) e Bukarin (1969) aprofundaram a análise do imperialismo para explicar a Primeira Guerra Mundial e sua relação com a evolução do sistema econômico capitalista na direção do monopólio. Além disso, eles buscaram explicar ou prever a possível evolução do movimento operário profundamente afetado pela crise do imperialismo e pela Primeira Guerra Mundial, durante a qual havia se dissolvido a Segunda Internacional Socialista. Por último, eles retomaram o debate sobre a evolução histórica da formação social russa e o destino da revolução russa.

Este debate já vinha se desenvolvendo desde o século XIX entre populistas e marxistas. Todas correntes procuravam entender a possível evolução de um país pré-capitalista dominado por relações sociais de tipo feudal, no qual a comunidade rural representava um papel definitivo, no interior de um regime político autoritário, opressor e tirânico. Para os marxistas legais e para os mencheviques esta evolução seria inquestionavelmente na direção do capitalismo industrial moderno e da democracia

política. Esta evolução iria, afirmavam os populistas, no sentido de uma passagem direta da comunidade rural para o socialismo. Outros acreditavam na sua transformação em uma democracia de massas, na qual o campesinato e a classe operária (ainda emergente) representariam as forças fundamentais, como o haviam proposto Parvus e Trotsky (dando aos operários o papel hegemônico) ou Lenin (que acentuava o papel do campesinato revolucionário e democrático ao lado do proletariado urbano na implantação de uma democracia revolucionária ou uma "ditadura democrática dos operários e camponeses" (4)).

Este debate se estendia ao plano econômico, através das discussões sobre o ciclo econômico, a crise geral do capitalismo e a possibilidade da derrubada final do sistema capitalista. Marxistas revolucionários e marxistas "legais" discutiam a possibilidade de reprodução e acumulação capitalista indefinida. Ecoavam assim na Rússia os debates iniciados por Eduardo Bernstein (1882), na Alemanha. Tugan Baranovich agregou elementos teóricos muito ricos à afirmação de Bernstein de que não havia possibilidade de uma crise geral do capitalismo. Ele discutiu a teoria da reprodução em Marx, mostrando a possibilidade de um crescimento indefinido da reprodução ampliada desde que apoiada no aumento do setor I da economia, composto pela produção de máquinas e matérias primas. Rosa Luxemburgo (1967) demonstrou posteriormente a dificuldade de conceber a indefinida reprodução ampliada do capital sem manter o pressuposto inaceitável de uma composição orgânica do capital estável. Este pressuposto não era realista, já que o próprio Marx demonstrara a tendência do capitalismo a aumentar indefinidamente a inovação tecnológica e, em consequência, a composição orgânica do capital (5).

Desta maneira, Rosa Luxemburgo via como únicas saídas para a expansão do capitalismo a conquista de mercados "externos" à acumulação capitalista pura. Estes mercados "externos" se materializavam no crescimento do consumo estatal, particularmente o militar, e no sistema imperialista que permitia incorporar ao mercado capitalista economias pré-capitalistas das zonas coloniais. As colocações teóricas de Rosa Luxemburgo não foram em geral aceitas ou talvez entendidas, mas a idéia de que o imperialismo era uma saída para o capitalismo, que o permitia expandir-se, estará

presente nos estudos de Lenin, de Bukarin e de Kautsky. Para eles, a busca de mercados externos se explicava pela tendência decrescente da taxa de lucros nos países centrais. Eles se baseavam, contudo, nas tendências à concentração econômica, à monopolização, à centralização de capital que conduziam à exportação de capitais, e eram intrínsecas ao funcionamento do capitalismo na sua fase monopolística e financeira. Estes seriam então os fatores que levavam ao imperialismo contemporâneo. Os superlucros obtidos com a exploração imperialista permitiam também as concessões ao proletariado dos países centrais, dando origem a uma aristocracia operária que se converteu na sustentação social do "revisionismo". Este ganhara as fileiras da Social-Democrática e levava à destruição da Internacional Socialista em 1914. Representando em parte estas tendências, Kautsky acreditava contudo na instauração de um supra-imperialismo: uma economia mundial com um só monopólio e um capitalismo de Estado tão poderoso que poderia eliminar a anarquia da produção capitalista. Embora Lenin e Bukarin pudessem aceitar em termos seculares uma tendência semelhante de evolução do capitalismo, eles viam as contradições inter-imperialistas levando a guerras e confrontações que tornavam irre realizável um super-imperialismo.

### O DESAFIO DA REVOLUÇÃO RUSSA E A QUESTÃO NACIONAL

Como vimos, a Rússia foi um polo de debates teóricos, ao representar um caso muito especial de desenvolvimento econômico, político e institucional. A revolução de 1905 provocou, além das polêmicas sobre o caráter do desenvolvimento capitalista e da revolução democrática, os intermináveis debates na Alemanha e em toda a Internacional sobre a greve geral. Maior ainda foi o impacto teórico provocado pela Revolução Russa de outubro de 1917. Esta criou um regime político totalmente inédito com a implantação do Estado Soviético e iniciará posteriormente uma acumulação primitiva socialista. Ambos problemas eram totalmente novos para a teoria marxista e para todas as correntes do pensamento econômico, aos quais nos dedicaremos mais adiante. Ao mesmo tempo, nestes anos de intenso debate teórico, desenvolveram-se, também, amplas discussões sobre: a acumulação de capital originária a partir da economia feudal; a desintegração da comunidade rural; o seu impacto

sobre o desenvolvimento do capitalismo urbano e industrial e os seus efeitos políticos (o referido debate sobre a revolução democrática na Rússia).

Não nos esqueçamos dos teóricos populistas como Danielson ou Chaidanik, que fizeram uma análise extremamente sofisticada da economia camponesa, buscando mostrar sua racionalidade econômica e sua capacidade de reproduzir-se e de alcançar um certo grau de acumulação independente do capitalismo. Enquanto isto, Lenin afirmava a inevitabilidade do desenvolvimento do capitalismo no campo, seguindo a linha de Kautsky, que analisara a evolução do capitalismo na economia rural da Europa Central e produzira um dos mais belos estudos sobre a economia feudal ao analisar a economia de quatro folhas no seu livro A Questão Agrária (1972).

Outro campo ao qual os pensadores marxistas deram importante contribuição, neste período, ainda que insuficiente, foi a questão nacional. O movimento político marxista se aplicou sistematicamente na criação de uma Associação Internacional dos Trabalhadores (que gerou as várias Internacionais, algumas vezes em conflito). Marx dera especial ênfase à vocação internacional do capitalismo e sobretudo à vocação internacionalista do seu herdeiro por excelência que seria o socialismo. Não se concebia o socialismo como um fenômeno nacional e sim como um resultado histórico da cooperação internacional da classe operária.

Não era, pois, estranho que a questão das nacionalidades provocasse uma certa perplexidade nos quadros da Internacional Socialista. Ela tinha fortes implicações políticas que não nos cabe aprofundar aqui: as nações haviam sido a base sobre a qual se constituíram os estados capitalistas modernos. Foram elas que, impondo sua hegemonia em espaços historicamente definidos, permitiram uma coerência de interesses e objetivos capazes de sustentar a criação desses fantásticos fenômenos institucionais em que se converteram os modernos Estados nacionais. Nem sempre o conceito de nação se encaixou perfeitamente com o de Estado nacional. Muitas vezes a hegemonia de um determinado grupo étnico foi suficientemente forte para eliminar a representação dos demais, como na Rússia czarista. Outras vezes, o corte étnico não se limitava a um só Estado nacional, como o caso da nação alemã que mantinha sua identidade linguística e étnica espalhada em vários estados

nacionais. Outras vezes, o corte nacional não se identificava com uma só nação ou mesmo um só grupo racial, como no caso do Continente americano, cujas nações se formaram pela caldeamento de várias raças. Havia ainda o caso de nações sem uma base territorial, mas que mantinham uma forte identidade religiosa com implicações políticas, como os judeus, etc., etc.

Era claro portanto que o conceito de nação e de Estado nação estavam permeados por fortes interesses geo-políticos que manipulavam muito arbitrariamente identidades étnicas, raciais, religiosas, linguísticas, etc. O movimento socialista pretendia superar estas lutas e contradições para situar-se num plano internacional. Contudo, seu internacionalismo era bastante restrito, limitava-se quase exclusivamente ao mundo europeu, confundido com "o mundo" em geral. Sob a influência de seu tempo, os socialistas aceitaram também esta oposição eurocentrista entre o Ocidente adiantado e moderno e o Oriente atrasado e autoritário. Eles expressaram sentimentos racistas e preconceituosos para com outros povos. Suas análises da relação entre nação, estado e política variaram ao sabor de sua localização dentro do quadro étnico e político europeu.

Os austríacos, por exemplo, enfrentaram a questão da grande diversidade étnica e cultural do império austro-húngaro e aí se exarcebou a visão da questão nacional que encontrou sua expressão mais sofisticada no livro de Otto Bauer (1979) sobre as nacionalidades. Bauer pôde reconhecer a importância do caráter nacional como um fenômeno tão significativo quanto o caráter profissional ou de classe (ao qual a Internacional Socialista dava uma ênfase privilegiada). Seu livro foi escrito em 1906 e provocou acesas polêmicas que tiveram a ver com a questão nacional no império russo e com a solução leninista desta questão, através do respeito radical às autonomias nacionais. A questão nacional se refletia nos debates sobre os estatutos dos partidos nacionais. O partido operário judeu, o Bund, se estendia pela Polônia e pela Rússia e Rosa Luxemburgo se lançou radicalmente contra ele. Ela se opunha por princípio à existência de partidos socialistas "nacionais".

Otto Bauer foi o principal responsável pela tese que defende o compromisso do socialismo com uma sociedade plural que respeite as individualidades nacionais. Sua visão do internacionalismo

se separava assim da tradição iluminista, que identifica o universal com a eliminação das particularidades locais e nacionais. Em nome deste universal formalista e discriminatório têm-se justificado enormes violências contra os povos considerados mais atrasados. A abstração formal do "homo economicus" é uma herdeira destas violências culturais. Bauer soube localizar o caráter cultural (não natural) da formação das nacionalidades. Pôde estabelecer assim as forças que levam à identidade nacional, seus limites e suas implicações para a concepção de uma sociedade universal composta de elementos concretos historicamente dados.

Seria ocioso identificar aqui as várias correntes e tendências que se expressaram neste debate que se desenvolveu muito dramaticamente no período de entre-guerras. Preferimos remeter o leitor a uma nota deste trabalho (6). O que nos importa é sobretudo destacar a escassa participação da análise econômica pura neste debate. Para os economistas da escola neoclássica o problema nem existe. O comportamento humano se explica com extrema simplicidade através do utilitarismo individualista e possessivo, cujas bases se lançaram no século XVII e XVIII (7). Suas concepções se vêem cada vez mais fortalecidas na medida em que a expansão do modo de produção capitalista elimina as diferenças nacionais e forma uma população consumidora mundial de características uniformes. Contudo, até os nossos dias, as diferenças nacionais e locais continuam afetando o funcionamento das economias, e a questão nacional, depois de servir de marco de referência para duas guerras mundiais, continua influenciando o mundo econômico real. Para a economia pura, contudo, o marco nacional é simplesmente um corte no espaço onde as instituições se agregam formando um mercado nacional, uma renda e um produto nacional, uma moeda nacional, etc.

#### **A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NUM SÓ PAÍS**

A evolução da teoria econômica marxista esteve, portanto, profundamente condicionada pelas necessidades da luta política em cada país e região, onde ela se desenvolveu como força política. Mas a visão de uma oposição descomprometida com os custos do poder só pôde durar até a Revolução Russa. Depois dela, uma ala do movimento socialista e do marxismo chega ao poder estatal num país

imenso, sob a liderança dos bolcheviques (uma facção específica do movimento marxista que só se garante no poder através de uma luta muito dura contra os outros movimentos socialistas e democráticos, além da luta política e armada contra a direita e setores da esquerda e do movimento democrático do seu país e em escala mundial). Estas confrontações vão levar ao isolamento deste partido e à tentativa de construir uma economia socialista dentro de um só país, o que, por sua dimensão continental, implicava numa confrontação de caráter mundial, com as principais nações capitalistas.

Após a história do Exército Vermelho na guerra civil, Lenin e a direção Bolchevi-que iniciou a Nova Política Econômica (NEP) que visava a recuperação de um país levado à catástrofe econômica. Esta recuperação deveria ser alcançada através da recuperação da economia mercantil simples, do capitalismo do Estado e do investimento capitalista internacional na Rússia Soviética. Tratava-se de buscar a ajuda internacional para a reconstrução do país e a criação de uma infra-estrutura econômica mínima. Foi nesta época que Lenin elaborou o slogan "Socialismo é igual eletricidade mais soviet". Contudo, fracassaram as tentativas de Lenin e de outros dirigentes, principalmente Bukarin, entre 1921 e 1927, de retomar a aliança política com os partidos da Segunda Internacional. Chegaram a produzir-se alguns acordos com os governos social-democrata-liberais inglês e alemão, de curta duração. Tentou-se construir alianças políticas nacional-democráticas como no caso da China, onde o Partido Comunista se integrou ao Kuomintang. Mas o isolamento da URSS, devido ao fracasso destes governos de aliança de classes, criou, em 1927, uma nova realidade econômica e política que levou ao "socialismo num só país", projeto histórico totalmente novo para o pensamento marxista que, no entanto, Stalin assumiu sem reservas. Esta nova situação histórica criou um campo de debates extremamente rico para a teoria econômica marxista levando à discussão sobre a questão da acumulação primitiva socialista com aportes muito substanciais de Preobrajensky e Bukarin (8).

Nestes anos se discutiu o aparecimento e a evolução do novo fenômeno da planificação. Tentou-se construir modelos econométricos que permitissem a gestão do fenômeno econômico. E, sem sombra de dúvida, o debate deste período



repercutiu no Ocidente. Autores como Leontief vão trazer para o Ocidente esta nova problemática, ao aperfeiçoar um instrumento nascido das necessidades da planificação, ou seja, a matriz de insumo-produto, que se converterá numa ferramenta essencial da programação e do planejamento econômico e da análise econômica em todo o mundo.

Surge também na URSS uma forte escola de história econômica que tem na teoria das ondas longas de Kondratiev, seu principal expoente, apesar do isolamento a que foi relegado este autor pela oposição às suas teses, tanto por Trotsky, no primeiro momento, como por Stalin, posteriormente (9). No Ocidente, vários autores marxistas vão se preocupar com os fenômenos ligados à formação de uma economia mundial, seja sob a forma da evolução da teoria do imperialismo; seja sob a forma da análise da intervenção do Estado na organização da economia, o que dá lugar a uma teoria do capitalismo monopolista de Estado; seja pelo impacto da análise dos ciclos longos de Kondratiev; ou, por fim, pela tentativa, esboçada pela Internacional Comunista, de estabelecer uma relação entre os ciclos econômicos e a ação política (10).

Tudo isto vai repercutir numa grande produção teórica do marxismo na década de 20 e 30 sobre a teoria da crise e a teoria do ciclo econômico (11). No entanto, nem todos estes economistas eram marxistas (e muito menos militantes). Alguns conservadores, como Schumpeter, vão incorporar grande parte desses novos conhecimentos produzidos ao calor de uma luta política e ideológica exacerbada (12).

É também na URSS que, pela primeira vez, o Estado promove os meios de institucionalização da análise econômica, em parte através do planejamento (do GOSPLAN), que se volta muito mais para uma visão matemática e às vezes microeconômica, em busca da otimização dos investimentos estatais. Por outro lado, o Instituto de Economia Mundial, dirigido por Eugênio Varga, se volta para a análise da crise mundial do capitalismo, da economia política e particularmente do papel do Estado, e também para a análise da repercussão dessa crise sobre a classe trabalhadora (as relações salariais, o movimento político da classe trabalhadora), sobre os agentes econômicos e sobre o próprio Estado (13).

## A QUESTÃO COLONIAL E O DESENVOLVIMENTO

Esta fase do pensamento marxista foi extremamente rica pela problemática nova e complexa que teve de enfrentar. Ela teve também seus desdobramentos nos países dependentes como no caso do México, sob o impacto de uma revolução agrária e democrática, como em toda a América Latina, na Índia ou na China. A influência deste imenso esforço teórico e analítico dirigiu a análise econômica para o estudo da questão agrária, com especial ênfase no papel do latifúndio, na questão indígena e, secundariamente, na questão da economia exportadora. Estas preocupações formam uma tradição teórica e analítica que poderíamos chamar de alternativa e que se expressa em obras tão distantes no tempo e no espaço, como as que ligam M.N.Roy ou Mao Tse-Tung (14) a um Mella ou a um Mariatégui.

Esta tradição vai influenciar a criação de uma história econômica dos países coloniais e dependentes, que sofrerá uma forte influência marxista nas décadas de 30, 40 e 50. Foi neste período também que se produziram, na América Latina, alguns dos mais importantes estudos da história econômica das suas várias nações, assim como algumas tentativas de análises globais da região (15).

O impacto do pensamento marxista sobre o Oriente se reflete nos estudos de M.N.Roy, que tenta compreender o papel da intelectualidade e das burguesias nacionais nos movimentos democráticos asiáticos e na sua relação com o campesinato e com as comunidades rurais. Esta mesma problemática vai se desenvolver na China através das obras de Mao Tse Tung, Liu Shao Chi e Chu En Lai além de outros autores, em geral membros do Partido Comunista Chinês, mas cercados por vários autores não ligados diretamente aos movimentos políticos. No plano acadêmico, com a expansão do movimento democrático na Ásia vai se constituindo um pensamento socialista democrático e também marxista. Este pensamento vai se demonstrar muito rico sobretudo no Japão, sob influência dos grandes movimentos sociais dos anos 20 e 30, e no período de pós-guerra, sob o impacto da vitória da União Soviética e dos Aliados, onde se retoma o debate sobre a questão do planejamento econômico, do papel da indústria de base, da acumulação primitiva e das relações econômicas internacionais.

Estas questões estavam no fundamento do debate sobre o processo de planificação dentro da União Soviética. Estes debates eram profundamente condicionados pela luta geopolítica enfrentada pela União Soviética no contexto de uma Europa que se dirigia à Segunda Guerra Mundial com a ascensão do nazismo. O papel crescente do Estado e do setor militar, cuja importância aumenta significativamente durante o nazismo, constituirá também um campo de análise econômica do marxismo (16). Esta questão será retomada depois da II Guerra Mundial, quando a indústria militar, em tempo de paz, passa a ser a mais significativa atividade econômica dos Estados Unidos, país hegemônico do capitalismo mundial, que abre uma guerra fria contra o seu aliado na luta com a Alemanha nazista, arrinconando novamente a Rússia Soviética e condicionando sua estrutura industrial e sua evolução ideológica, na direção de uma competição militar global. Outra vez, é no pensamento marxista que surgiram as tentativas mais sistemáticas de explicar o papel do gasto militar no funcionamento do capitalismo moderno. Paul Sweezy e Paul Baran (1996) escrevem o livro mais instigante sobre o tema que leva a um debate internacional extremamente rico.

#### **GUERRA FRIA, STALINISMO E DIVERSIFICAÇÃO DO SOCIALISMO**

A pressão da guerra fria empurrou a União Soviética no sentido de revitalizar os aspectos mais obscuros do stalinismo que passaram a fundamentar ideologicamente a construção do socialismo, agora não mais em "um só país" mas "numa só região". Isto influenciará a formação das chamadas Repúblicas Populares na Europa Oriental, sob ocupação soviética. Como experiências autônomas, encontravam-se a Iugoslávia e posteriormente a China Popular. Em ambos os casos, as relações com a URSS terminaram sendo conflituosas diante da estranha pretensão stalinista da existência de um "modelo" único de construção socialista, que não era aceitável para os novos países socialistas, que surgiam em condições históricas e sociais completamente distintas.

A questão da recuperação econômica do pós-guerra, que se colocava ainda dentro do marco de análise das crises dos anos 30 e 40, levou um amplo setor do marxismo a uma tentativa equivocada de explicar a crise como algo permanente e como resultado de uma tendência do capitalismo a perder sua dinâmica econômica ao ponto de

conceberem uma tendência à estagnação econômica. Estas previsões obrigaram muitos autores, sobretudo comunistas, a terem de explicar, nas décadas de 50 e 60, como a dinâmica econômica havia sido recuperada fortemente no capitalismo. Os êxitos da recuperação capitalista no pós-guerra levaram ao abandono da teoria dos ciclos em geral e à dos ciclos longos, em particular. Esta ficou restrita a alguns teóricos, ligados à escola institucionalista, sobre a qual Schumpeter exerceu uma influência decisiva. Dentro do pensamento marxista, Kondratiev não era reconhecido ou aceito e muitas vezes foi simplesmente ignorado.

O marxismo segue esse caminho difícil nas décadas de 1940, 50 e 60, rediscutindo os problemas da transição ao socialismo, em função do aparecimento das novas experiências socialistas na Europa Oriental, na China, na Argélia e em Cuba. A dissidência iugoslava abriu um vasto campo de debate teórico e de experiência prática. O processo iugoslavo introduzia no debate as questões de uma via socialista alternativa, baseada na auto-gestão, do projeto de uma sociedade internacional sem os alinhamentos determinados pela guerra fria, da aliança dos povos coloniais, da necessidade de uma aliança entre os marxistas, a Internacional Socialista e os movimentos de libertação nacional (17).

Na década de 60, a absoluta singularidade da revolução cubana introduz novos elementos no debate internacional, sobretudo no que respeita à relação entre a revolução democrática nos países dependentes e a passagem para uma economia socialista. A guerra do Vietnã e a derrota da maior potência militar da história por um movimento insurrecional à base de guerrilhas colocou o debate da década de 70 sobre bases completamente distintas. Surgem as tentativas de regimes de transição ao socialismo no Oriente Médio e na África. Casos complexos como o da Argélia, o de Angola, ou mesmo o de Moçambique enriqueciam enormemente a problemática da possibilidade de uma diversificação tão ampla das experiências de transição ao socialismo (18).

A dissidência chinesa da Terceira Internacional em 1961 já colocara na ordem do dia as questões do abandono do socialismo pela URSS; ela propunha o cerco dos países agrários aos países industriais entre os quais se incluíam os "revisionistas" soviéticos, posteriormente definidos como "hegemonistas"; ela afirmava também a

existência de um desenvolvimento tecnológico alternativo e de um novo modelo de desenvolvimento baseado numa revolução cultural. Todas estas teses, apoiadas em aspectos parciais da crise global do sistema econômico e político mundial, instaurado ao final da II Guerra Mundial, produziam um amplo movimento de massas em escala mundial que teve seu auge no ano de 1968, particularmente durante o maio francês. Este anunciava o fim da liderança dos partidos comunistas sobre o movimento operário em escala mundial e a emergência de uma nova fase do movimento popular mundial, do pensamento socialista e das experiências de desenvolvimento econômico e social, seja nos países centrais ou nos países periféricos.

### O NOVO MARXISMO PÓS 68

Essa realidade nova e complexa vai gerar um período de grande expansão do pensamento marxista nas universidades dos Estados Unidos, da Europa, do Japão e da América Latina e Caribe. No fim da década de 60, sobretudo com os movimentos de 1968, assistimos ao surgimento de um marxismo acadêmico, com uma base institucional forte, que não parte necessariamente da elaboração teórica vinda da União Soviética, nem mesmo dos outros países socialistas, porque se reconhecia que, nestas instituições, o pensamento marxista estava profundamente dependente de interesses de políticas estatais-nacionais, internas e externas, que apareciam como condicionadores negativos da livre pesquisa teórica. Surgia assim um marxismo sem partido político e sem movimento social proletário. Ele se ligava mais aos novos movimentos sociais baseados no gênero, nas etnias, nos mais diversos pontos de partida social.

Com o surgimento deste marxismo acadêmico, o campo teórico da economia marxista ampliou-se enormemente. Ela se voltou para a análise da teoria pura do valor e da sua conversão em preço, que sofreu mudanças interessantes com a contribuição de Sraffa e seus discípulos da escola de Cambridge, entre os quais se destaca Garegnani por sua maior preocupação com o marxismo. Ela avançou ainda neste plano teórico com os esforços de matematização das categorias básicas do marxismo, buscando um novo conceito da renda nacional que se aproximasse da teoria do valor, tentando medir a evolução da taxa de lucros, preocupações que se refletem sobretudo nos trabalhos de Anwar Shaikh.

A União dos Economistas Radicais, nem sempre filiada ao marxismo, procurou abarcar uma ampla temática econômica, voltada sobretudo para as políticas econômicas. O debate marxista voltou-se para os novos movimentos sociais (feminino, verde, etc.) que alargavam enormemente o campo de análise do marxismo. Na verdade, o marxismo se converteu num campo teórico e analítico extremamente rico e diversificado, sob a influência do estruturalismo de Louis Althusser, as noções de estrutura e super-estrutura foram removidas, surgiram conceitos novos como a super-determinação, os graus de abstração do concreto foram revisados em vários planos teóricos interligados entre si. Ao mesmo tempo a influência do criticismo hegeliano de um Adorno e da Escola de Frankfurt dedicou-se à crítica e posteriormente à teoria da comunicação e da linguística. Sob o impacto do historicismo dialético de Della Volpi e sua escola italiana discutiu-se com detalhe o papel da análise concreta, das conjunturas histórica, da praxis política, etc. Na América Latina, desenvolve-se uma tendência a um enfoque histórico-estrutural que não teve ainda sua elaboração filosófica suficientemente desenvolvida. Para mim, esta tendência se consolida na chamada versão marxista da teoria da dependência, tal como a qualifica Ruy Mauro Marini (1995). Por outro lado, o reestudo de Gramsci provocou importantes revisões no campo teórico sobretudo na teoria do Estado.

Ao mesmo tempo, este marxismo acadêmico começa a resgatar um amplo espectro do pensamento marxista que era desconhecido nos países socialistas, ainda dominados pela censura e pelas limitações que o stalinismo representou em termos de destruição do antigo Partido Bolchevique, de todas as suas lideranças, de seus intelectuais, de seus pensadores e de suas obras, impedindo o estudo da maioria dos autores marxistas, renegados por Stalin, impedindo inclusive o estudo das obras fundamentais de Marx e do próprio Lenin, e limitando o marxismo a um campo teórico muito reduzido fundado no "materialismo dialético" e no "materialismo histórico" e na interpretação stalinista do processo de construção do socialismo na União Soviética, com todas as implicações que daí decorriam (19).

Nas décadas de 60 e 70, como resultado das denúncias de Krushev e com o começo da abertura desses países para novas concepções,



sopraram os novos ventos da renovação teórica nos países socialistas. A teoria da revolução científico-técnica, por exemplo, sobretudo na sua versão tcheca, com a obra de Radovan Richta (1969) e do grupo de cientistas que o apoiou (que foi logo condenada e censurada como consequência das pressões soviéticas), era uma retomada da criatividade teórica, a partir das geniais intuições de Marx sobre a evolução da tecnologia e seu impacto social, sobretudo, nos *Grundrisse*. Estes textos recém se incorporavam ao debate teórico contemporâneo, com importantes repercussões no pensamento da Europa Oriental e da própria União Soviética. Lamentavelmente, a teoria da revolução científico-técnica evoluiu em muitos autores no sentido de uma apologética da construção do socialismo nos chamados países de "socialismo avançado" (20).

Em outros casos, produziu-se uma versão da teoria da revolução científico-técnica que tendia a um determinismo tecnológico que chegava a apagar totalmente as diferenças entre os regimes econômicos e sociais. O resultado foi a concepção de uma teoria econômica extremamente eclética que terminava aceitando como referência fundamental as categorias básicas da teoria econômica neo-clássica, que vinha se desenvolvendo dentro do pensamento conservador ocidental. Produzia-se na URSS um afastamento total de todo o pensamento marxista, cuja maior parte já havia sido excomungada desde a vitória de Stalin (que proibiu a leitura de todos os autores marxistas que não se submetessem à sua versão do marxismo e do leninismo).

#### **O MARXISMO SOVIÉTICO COMO BLOQUEIO E UMA NOVA FASE PÓS GUERRA FRIA**

A pobreza deste "marxismo stalinista" era um bloqueio definitivo à evolução da formação científica e humanista de uma intelectualidade cada vez mais importante numericamente e sofisticada culturalmente. O mais dramático era, contudo, o fato de que os preconceitos e as reminiscências das lutas de facções impediam totalmente o acesso à literatura marxista não ortodoxamente stalinista ou neostalinista, limitando o contato com o pensamento socialista e social democrata ocidental, considerado competitivo, e abrindo as portas ao conhecimento superficial e à adesão simplória ao pensamento conservador ocidental.

Como era mais fácil ter acesso ao pensamento conservador ocidental, na medida em que o pensamento marxista e mesmo o social-democrata, eram condenados pelo Partido Comunista da URSS e pelos partidos comunistas do Ocidente, produziu-se uma drástica alternativa entre o marxismo stalinista e o pensamento conservador liberal. Esta alternativa não se apresentava nunca entre a interpretação stalinista e outras correntes do marxismo ou mesmo o reformismo ocidental, que se tendia simplesmente a ignorar.

Esse conjunto de equívocos se reflete hoje numa grave crise do marxismo na Europa Oriental e na ex-URSS, confundido totalmente com o stalinismo, e numa indefinição das possíveis evoluções que sofrerão essas correntes do marxismo soviético, que tenta reformar-se para interpretar fenômenos totalmente incompreensíveis para o seu horizonte teórico e político, tais como a dissolução da União Soviética e do Partido Comunista soviético.

Essas reflexões sobre a direção que seguiu o pensamento marxista mostram que, no que se refere à teoria econômica propriamente dita, o marxismo demonstrou grande vitalidade ao identificar, por exemplo, o surgimento de uma economia monopólica e imperialista no fim do século XIX; adiantando-se à teoria econômica acadêmica e ortodoxa, que só vai descobrir estes problemas na década de 20 com a obra de Chamberlain e Joan Robinson. Hilferding já havia identificado e analisado, no começo do século XX, a importância da concentração econômica, do monopólio, da intervenção estatal e do capital financeiro; Rosa Luxemburgo já havia identificado os limites estabelecidos pela restrição à expansão do mercado de consumo de produtos finais e o papel do consumo estatal para manter a acumulação capitalista moderna, problemáticas que só irão se incorporar à teoria econômica acadêmica na obra de Keynes e de Kaleki na década de 30.

O pensamento econômico marxista antecipou o estudo sobre o ciclo econômico e foi quem revelou a existência e a forma dos ciclos longos, a necessidade da participação crescente do Estado na economia capitalista monopólica e foi ainda o iniciador do debate sobre a libertação das colônias e do papel do nacionalismo nos países dependentes e coloniais. Ele teve que enfrentar a questão da formação de uma economia mundial, desde suas

origens, mas particularmente o surgimento do imperialismo no final do século XIX. Foi instado ainda a explicar o surgimento de uma revolução proletária num país atrasado e as possibilidades de uma acumulação primitiva socialista. Teve, enfim, que posicionar-se sobre o caráter do regime econômico e social que emergia destas condições históricas tão singulares e sobre sua relação com as novas revoluções democráticas e anti-coloniais que se desenvolviam em escala planetária. O pensamento marxista foi o primeiro a enfrentar a análise do fascismo como nova forma de reação do grande capital à revolução social. Hoje ele se vê desafiado a explicar o fim da URSS e dos partidos comunistas e a emergência de fortes correntes neo-liberais na condução da política e da economia destes países, mesmo que seja por um período curto, como parecem indicar os acontecimentos políticos nestes países.

Pode-se acusar o pensamento econômico marxista de dogmatismo, de imobilismo, de uma constante volta aos clássicos, mas esta é uma visão evidentemente externa ao mesmo. Visto de dentro, ele passou por permanentes crises e vem sofrendo evoluções conceituais que revelam uma riqueza teórica e uma capacidade de antecipação temática em relação ao pensamento neo-clássico e keynesiano, em geral surpreendentes. Diante do empirismo do pensamento econômico não marxista, espremido entre o formalismo teórico de um lado (por sinal, bem mais dogmático que o marxismo), e o empirismo pragmático de outro, à falta de instrumental teórico para analisar os processos históricos concretos, o marxismo tem a oferecer um arcabouço muito mais complexo, testado por processos históricos de grande importância e um alto grau de previsão histórica. Estas qualidades podem se contrapor em boa medida às graves debilidades advindas da oficialização do marxismo em torno de um teórico tão medíocre como Stalin, e das exigências apologéticas de um Estado Nacional acossado e necessitado de alto grau de legitimidade para realizar a sua acumulação primitiva em bases totalmente novas.

#### **TAREFAS DE UMA ECONOMIA POLÍTICA MARXISTA**

O aprofundamento da teoria marxista e sua diversificação apoiando-se em distintas fontes de inspiração (a aparentemente breve versão existen-

cialista com Sartre; as escolas neo-hegelianas com Della Volpi, Luckaks, etc.; as escolas neo-kantianas com Althusser e seu estruturalismo, o austro-marxismo e a proposta atual de "reconstrução" do marxismo; as escolas histórico-estruturalistas com Henri Lefebvre, Gramsci a teoria da dependência, a teoria do sistema mundial, etc.) deram ao marxismo uma complexidade não contemplada no século passado e no início deste século. O decantamento dessas distintas versões será um longo processo que resultará numa nova síntese teórica a ser ainda obtida. Ela deverá integrar a natureza no movimento da matéria, mas deve renunciar à teoria do reflexo de origem positista. A ciência é ato de criação do espírito, da sociedade em processo de interação com a natureza. A relação entre, ideologia e ciência deverá ser resolvida sem perder de vista o caráter não neutro da ciência, que nasce da acumulação material e subjetiva de conhecimento e praxis humana.

O alargamento do campo de análise do marxismo aproximando-o à psicanálise (Reich, Erich From, Marcuse, Adorno e Sartre, entre outros), da sociologia, da economia e da ciência política; as implicações do ponto de vista marxista sobre a teoria da arte e da produção literária (Luckaks, Adorno), a renovação da antropologia (Godelier, Darcy Ribeiro, Lewis, Woolf, etc.), da arqueologia (Gordon Childe, A. Gilman), da História (Hobsbawm, Taylor, Perry Anderson, Souboul, etc.), da história e da filosofia da ciência (Bernal, Richta, White, etc) obriga-nos a repensar a questão da unidade teórica do pensamento marxista e seu movimento analítico como uma proposta holística mas não como um resultado acabado: um sistema teórico fechado.

Na Economia Política, a obra de Marx e Engels e os esforços posteriores deixaram um enorme campo de pesquisa aberto que passo a destacar a título de desenhar um programa de estudo e pesquisa teórico que ajude a fazer avançar a capacidade do marxismo de alcançar a compreensão do mundo contemporâneo:

(1) É preciso reafirmar e reler as categorias básicas do Capital de Marx à luz do mundo contemporâneo:

A mercadoria, a divisão do trabalho, o valor, a mais-valia, o capital constante e o variável, o processo de produção e circulação, a acumulação e a reprodução simples e ampliada, as formas do

capital. Elas são ainda o fundamento das relações de produção capitalista. Mais ainda: O atual sistema capitalista de produção se aproxima cada vez mais ao modelo abstrato ou puro do seu funcionamento tal como Marx buscou captá-lo.

(2) A reafirmação destas categorias não pode se fazer entretanto sem incorporar os modernos conceitos de monopólio, concentração econômica, centralização de capital, internacionalização da produção e da circulação capitalista, corporações multi-transnacionais e até globais, crescente intervenção do Estado no funcionamento da Economia, capitalismo monopolista do Estado. Como vimos, os vários economistas marxistas souberam incorporar estes novos conceitos à estrutura capitalista contemporânea e foram os marxistas contemporâneos os primeiros a incorporar a moderna corporação multinacional no modelo de funcionamento do capitalismo monopolista do pós-guerra.

Mas resta ainda uma operação teórica de grande importância. Marx pretendia após um capital não escrito sobre o Estado terminar o *Capital* com um volume sobre o comércio mundial. Sua visão política o obrigaria a revisar todos os conceitos já apresentados dentro deste novo marco supranacional. O livro de Hilferding sobre o *Capital Financeiro*, os de Lenin e Bukarin sobre o *Imperialismo* permitiram fazer uma primeira aproximação a este novo ponto de arranque teórico. Eles não se propuseram contudo a tirar todas as consequências econômicas e políticas desta nova fase do capitalismo. Os debates anteriores sobre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento e a teoria da dependência permitiram dar novos passos adiante. Na década de 80, a consolidação de uma teoria do sistema econômico mundial - desenhada paralelamente ao marxismo, sobretudo na obra de Immanuel Wallerstein - permitiu dar um novo avanço na direção de uma reinterpretação do surgimento e do desenvolvimento do capitalismo como um sistema mundial e não como um conjunto de experiência nacionais. Permitiu inclusive desenvolver um aparelho teórico mais complexo para compreender a emergência das economias socialistas numa economia mundial capitalista.

Mas esta noção de um sistema mundial não se limitou a buscar estes marcos teóricos novos que facilitam uma reinterpretação ou releitura as categorias básicas do *Ela Capital* os inseriu no movimento das ondas longas que Kondratiev havia

descoberto na economia mundial em 1926. O marco cíclico - apesar do inconveniente de sugerir um determinismo econômico sempre perigoso - é contudo extremamente rico em sugestões teóricas, de cenários alternativos e de análises de conjuntura. Se bem que grande parte das análises das ondas longas evoluiu fora do marxismo, com Schumpeter nos anos 30 e 40, com o próprio Rosfow já no meio da década de 70, ou com os historiadores da escola dos annales, particularmente com Fernand Brandel, foram autores marxistas como Mandel em seu magnífico *Capitalismo Tardio*, ou como os meus *A Crise do Capitalismo Norte-Americano e a América Latina e Imperialismo e Dependência* que levantaram o tema para reestudo no início dos anos 70. Os teóricos do sistema mundo como Andre Gunder Frank em seus livros sobre *Acumulação Capitalista* ou o próprio Immanuel Wallerstein em seu *The Modern World System* também levantaram Kondratiev no começo da década dos 70, provocando o renascimento dos estudos das ondas longas.

O estudo da economia mundial como sistema capta o movimento histórico na forma de ondas longas e observa, ao mesmo tempo, a relação que existe entre as mesmas ondas longas e as mudanças tecnológicas. A análise desta ligação se desenvolveu nas décadas de 70 e 90, sobretudo no contexto do renascimento do modelo teórico de Schumpeter. O neo-schumpeterianismo de Christopher Friedman, de Dosi e outros estudiosos dos impactos econômicos da mudança tecnológica abriu o caminho para precisar a relação entre o começo de uma *Fase A* dos ciclos de Kondratiev e a incorporação de inovações pioneiras baseadas em novos paradigmas tecnológicos. A própria noção de paradigma tecnológico permitiu aos estudiosos distinguir fases de crescimento baseadas em inovações primárias, secundárias e terciárias. Num enfoque mais estrutural, os regulacionistas franceses identificaram o regime de produção fordista e pós-fordista ("toyotismo", como Coriat denominou o modelo japonês), consolidando assim a concepção de uma sucessão histórica de regimes de produção, apoiados em inovações tecnológicas revolucionárias, articuladas com relações sociais de produção e modalidades de regulação do sistema econômico no seu conjunto.

O impacto dessas mudanças na estrutura do emprego, na ocupação, na jornada de trabalho, no tempo livre, na migração, na demografia e outros

fenômenos humanos tem sido cada vez mais objeto de análise, interpretações e previsões, formando um campo de análise que prossegue em grande parte as análises de Marx, mas que abre também enormes campos teóricos não enfocados originalmente pelo *Capital*.

As implicações institucionais destas realidades econômicas são outro campo teórico essencial, cujo desenvolvimento permite iluminar a problemática ainda aberta. Neste aspecto é especialmente significativa a contribuição dos economistas da corrente chamada de institucionalista que tem em Galbraith, Perroux, Myrdal alguns dos seus melhores nomes. Shigeto Tsuru busca integrar no seu livro *Institutional Economics Revisited*, Cambridge University Press, 1993, as categorias do institucionalismo e do marxismo. O esforço de Tsuru vai numa direção geral correta (independentemente de concordarmos ou não com os resultados alcançados neste livro): é necessário re-pensar com categorias dialéticas e estruturais todo um campo teórico no qual os economistas não marxistas ofereceram contribuições substanciais. Se o marxismo resistir a este teste renovador, ele poderá ser considerado um marco teórico fundamental para a compreensão do século XXI.

### Notas

(1) As críticas aos economistas têm se generalizado, alcançando inclusive o grande público. Em vários artigos editoriais, a revista *The Economist*, porta voz do pensamento econômico conservador vem criticando "os economistas". Em artigo recente chega a identificar os erros das políticas econômicas dos países subdesenvolvidos com a entrega de seus ministérios de finanças e planejamento aos economistas, em contraste com a tendência dos países desenvolvidos a entregar tais cargos a políticos ou profissionais mais ligados à prática empresarial. Alfred Malabre, repórter do *The Wall Street Journal* durante 35 anos, publicou recentemente um livro sobre seu contato com os mais importantes economistas dos Estados Unidos, sob o título de *Lost Prophets*. Em 1958, quando ingressou no jornalismo, o *The Wall Street Journal* não empregava nenhum economista, o que refletia a baixa demanda por estes profissionais naquele tempo. Segundo Michael Prowse, do *Financial Times*, resumindo o livro de Malabre: "Mediante o uso de computadores e da matemática de alto nível, os economistas criaram uma aura, em grande parte fraudulenta, de competência científica expressa em altas remunerações e previsões pouco precisas". Ele fala ainda de uma sucessão de teorias mutuamente inconsistentes (a economia keynesiana, o monetarismo e a economia da oferta). "Na opinião do autor, nenhuma atende às expectativas e cada uma criou tantos problemas quantos resolveu". Ele se refere à arrogância de Samuelson e Heller nos anos 60. "Malabre se lembra com vergonha como 'supervendedores' como Milton Friedman o enganaram."

Recorda "como Friedman ditou artigos que foram publicados na primeira página do *The Wall Street Journal*. "Malabre reserva seu ataque mais forte à economia da oferta ou 'supply side', que sempre considerou 'tolice do pior tipo'. Essa teoria que ele chama de "maluca" ganhou total apoio do jornal. Tudo isto levou a um desmoronamento do prestígio dos economistas, hoje substituídos pelos advogados ou pelos administradores da Harvard Business School. "Tudo isto sugere que os economistas podem estar agora pagando um preço pelas suas exageradas alegações de onisciência". (ver "Para que serve um economista", *Gazeta Mercantil*, 1/1/1994).

Paul Ormerod publicou um ataque mais teórico à "ciência econômica" ortodoxa. Seu livro *The Death of Economic*, Faber and Faber, London-Boston, 1994, analisa em detalhe a crise desta ciência e da reserva profissional praticada pelos seus profissionais.

Outro comentário interessante foi feito pelo então vice-presidente do Banco Mundial para a região africana, sr. Edward V.K. Zaycox. Segundo Tami Hultman, do *Washington Post*, ele teria afirmado que "o banco não daria mais planos de desenvolvimento para os países africanos e que pararia de 'impor' especialistas estrangeiros aos relutantes governos africanos". Ele chamou "o padrão atual de assistência técnica para a África 'uma força sistematicamente destrutiva'." Os programas futuros buscariam capacitar a África a ajudar-se a si própria. Os projetos de desenvolvimento e as pesquisas passariam a ser dirigidos por africanos em vez de pagar estudos de economistas do banco. Estima-se em cem mil o número de especialistas estrangeiros que consomem quase todos os recursos de ajuda para a África (ver "World Bank takes turn: Help Africa helps itself"; *Herald Tribune*, May 22-23, 1993).

(2) Bolívar Echeverría, que selecionou as obras políticas de Rosa Luxemburgo (1974) para publicação em espanhol, pela Editora Era, classifica assim as suas oito principais intervenções políticas e teórico-práticas:

1. Na discussão sobre o reformismo e o revisionismo (1898-1904).
2. Na discussão sobre o nacionalismo burguês dentro do movimento socialista polonês.
3. Na primeira discussão sobre a greve de massas e seus resultados na Bélgica e sobretudo na revolução russa de 1905: contra a dualidade oportunista de economicismo e politicismo (1902-1906).
4. Na segunda discussão sobre a greve de massas contra o oportunismo parlamentarista e claudicante do centro do Partido Social Democrata Alemão (Kautsky e etc.).
5. Na discussão contra a interpretação "politicista" do imperialismo, o militarismo e a guerra (1912-1915).
6. Na discussão contra a interpretação nacionalista da guerra (1915-1917).
7. Na discussão sobre as novas perspectivas do socialismo: a nova internacional, a realização bolchevique da ditadura do proletariado.
8. Na discussão preparatória sobre a transformação do Grupo Espartaco em Partido Comunista (1917-18).

(3) De fato, Marx e Engels fizeram muito pouca reflexão sobre o caráter deste novo modo de produção e sobre o regime de transição que ele supunha. Uma análise bastante completa do



pensamento de Marx e Engels sobre a transição socialista encontra-se em Vania Bambirra (1993).

(4) Análise no meu livro sobre a estratégia e tática socialistas, escrito com Vania Bambirra (1980), o amplo debate científico, estratégico e tático sobre as possibilidades e o caráter da revolução russa.

(5) Os debates sobre a acumulação capitalista e demais polêmicas deste período foram muito bem resumidos por Paul Sweezy (1982) num texto clássico, cuja primeira edição em inglês é de 1942.

(6) Sobre a questão nacional produziu-se uma importante literatura no marxismo: Otto Bauer (1979); Bernstein/ Belfort Bax/ Kautsky/ Renner (1978); Calwer/ Kautsky/ Bauer/ Strasser/ Pannekoek (1978); José Stalin (1973); Karl Kautsky (1977); Ber Borjov (1979); Roman Roldosky (1980); José Ingenieros (1979); Oscar Terán (1983); Rudolf Schlesinger (1974); Salomon F. Bloom (1975); Hosea Jaffe (1977); Ricaurte Soler (1975, 1976, 1980); Michael Löwy (1977); Salomón Kalmanovitz (1977); E.J. Hobsbawm (1990); Andreu Nin (1977).

(7) Ver Macpherson (1978 e 1979) e Stanley Moore (1979).

(8) O debate sobre a possibilidade de uma transição ao Socialismo nos anos 20 foi extremamente rico. Veja-se: E. Preobrajensky (1919 e 1926); N. Boukharine (1920); A. Erlich (1960); E.H. Carr (1950-64); E.H. Carr e R.W. Davies (1969); Charles Bettelheim (1974); A.G. Lowy (1976); Stephen F. Cohen (1976) e Isaac Deutscher (1969, 1968 e 1970).

(9) Os principais trabalhos de Kondratiev foram reunidos recentemente por sua filha e publicados em francês, ver Kondratiev (1992). O debate com Trotsky pode ser visto em seu artigo de 1927. Um balanço da teoria das ondas longas e da bibliografia sobre a mesma e a versão em inglês do texto clássico de Kondratiev encontra-se em The Review (1979), vol. II, n. 4, Binghamton.

(10) Sobre as teorias do imperialismo, produziu-se uma vasta literatura cujos principais trabalhos são: K.T. Fann e Donald C. Hodges (editores) (1971); Anouar Abdel Malek (1977); J. M. Vidal Villa (1976); Octavio Ianni (1974); Oscar Braun (1973); Harry Magdoff (1977 e 1978); Robert I. Rhodes (editor) (1970); Hugo Radice (editor) (1975); Jan Otto Andersson (1976); Hosea Jaffe (1976 e 1980); Roger Owen e Bob Stuccliffe (editores) (1972); Eugenio Varga (1957); Benjamin J. Cohen (1975); Michael Barratt Brown (1975 e 1976); Eduardo del Llano (1976); George Lichtheim (1972); Fritz Sternberg (1979); Michel Beaud (1981); Wolfgang J. Mommsen (1975); David K. Fieldhouse (1978); Samir Amin (1991); Theotônio dos Santos (1971, 1978, 1983, 1987, 1993).

(11) Sobre a teoria das crises econômicas produziu-se vasta literatura marxista nos anos 20 e 30 com Moskowska (1978 e 1981); Korsch, Mattick e Pannekoek (1978); Grossman (1979); Varga (1935); Strachey (1973); Sternberg (1979); Mario Telo (1981). Em 1942, Paul Sweezy (1982) realiza uma clássica síntese do pensamento econômico marxista sobre as crises, apesar de excluir totalmente Kondratiev.

(12) Schumpeter foi seguramente o mais importante herdeiro não-marxista do vasto esforço teórico de Kondratiev. Veja-se seu *Business Cycles*, 2 vols (1939), que retomou a análise das ondas longas. Na década de 70, as ondas longas foram retomadas como objeto de interpretação do movimento cíclico em Mandel (1975);

Frank (1978 e 1980); Wallerstein (1974); Rostov (1978); Freeman (1981, 1982 e 1984) e Dos Santos (1971, 1978, 1983 e 1987), entre outros.

(13) A obra de Eugenio Varga foi especialmente influente na análise do capitalismo contemporâneo. Ele foi um dos elaboradores dos conceitos de crise geral do capitalismo e do capitalismo monopolista de estado que se integraram fortemente à tradição analítica dos partidos comunistas. Seu livro de 1957, *Problemas Fundamentales de la Economía y Política del Imperialismo* reúne grande parte de suas idéias sobre o assunto. No meu livro (1983) sobre as teorias do capitalismo contemporâneo, faço um levantamento bibliográfico crítico sobre a evolução do pensamento econômico marxista sobre o capitalismo contemporâneo. Sob a influência da Varga estariam Boccara (1973), Menchikov (1976) e Chepikov (s/d).

(14) Stuart Schram e Hélène Carrière D'Encausse (1974) reuniram vários textos marxistas sobre a Ásia. As Obras Escolhidas de Mao Tsé-Tung foram publicadas em várias línguas pela Foreign Press de Pequim, e são uma referência necessária para qualquer estudo do marxismo na Ásia. Em português, existe uma coleção de seus textos (1979). Stuart Schram (1969) fez também uma clássica seleção dos textos políticos de Mao. Liu Shao-Chi foi conhecido durante muito tempo pelo seu manual de inspiração confuciana *Para ser um bom comunista* (1973), baseado nas palestras que pronunciou em Yenán em 1939. Os textos de seu inimigo Lin Biao (1975) revelam em grande parte as concepções da revolução cultural que dominaram a imaginação ocidental na década de 70. Deng Xiaoping (1987) restabeleceu um certo pragmatismo na política chinesa, superando um idealismo cujos efeitos mais perigosos ocorreram durante a revolução cultural. Ele propôs as quatro modernizações que orientam o atual êxito econômico da China: a agricultura, a ciência e a tecnologia, o desenvolvimento interno e externo da economia chinesa. Durante os anos 80 o Institute of Marxism, Leninism and Mao Zedong Thought da Chinese Academy of Social Sciences realizou um profundo debate sobre a experiência chinesa e o socialismo mundial que se expressou nos *Selected Writings on Studies of Marxism*. Lamentavelmente, as condições políticas da China levaram à expulsão de Su Shaozi e outros participantes deste esforço. Contudo, o pensamento social continua avançando na China e deverá produzir resultados cada vez mais interessantes.

A Índia e os países vizinhos, como o Paquistão e Bangladesh, sempre formaram outro importante centro de pensamento marxista na Ásia. É o caso de M.N. Roy, que exerceu enorme influência nos primeiros anos da Internacional Comunista (veja-se o verbete sobre ele no *Dicionário do Pensamento Comunista*, editado por Tom Bottomore, 1988). O livro organizado por Ngo Manh-Lan (1984) reúne grande parte do pensamento asiático contemporâneo de inspiração marxista e mostra sua crescente importância.

No Japão, além das figuras estelares de Shigeto Tsuru (1976) e Kozo Uno (1980), há toda uma geração de economistas marxistas de grande influência (ver o interessante resumo sobre "economia marxista no Japão" no *Dicionário de Tom Bottomore* (1988), apesar do grave defeito de não mencionar Tsuru).

(15) O marxismo latino-americano foi objeto de análise de



Portantiero no volume 5 da História do Marxismo dirigido por Hobsbawm (1980-84). Ruy Mauro Marini e Mária Millán (1994) reuniram vários estudos sobre a teoria social latino-americana, a revista Estudios Latinoamericanos do CELA, México, também publicou vários estudos sobre o tema. Sobre Mariátegui há uma ampla bibliografia. José Aricó (1978) organizou os debates suscitados por sua obra. No livro de Ruy Mauro Marini e Mária Millán (1994) dá-se especial ênfase aos historiadores marxistas ou proto-marxistas latino-americanos, ressaltando o papel de Caio Prado Júnior, Sérgio Bagu e Júlio César Jobet, Sívio Frondizi e José Revueltas. Haveria muitos outros casos a destacar, mas isso nos levaria a um ensaio específico sobre o tema.

(16) Sobre o fascismo, devemos destacar: Pierre Ayçoberry (1979); Antonio Ramos Oliveira (1952); Charles Bettelheim (1973); Wilhelm Reich (1973); Gruppe Arbeiterpolitik (1974); A. Galkin (1975); Rubén Salazar Mallén (1977); Andreu Nin (1977); Roland Sarti (1973); Armando Cassigoli (1976); José Rodríguez Elizondo (1976); León Trotsky (1930-31); S.J. Woolf (1970 e 1974); Karl Dietrich Bracher (1973), Theotonio dos Santos (1976); Franz Neumann (1942).

(17) Seria impossível apresentar aqui uma bibliografia detalhada sobre a concepção iugoslava do socialismo. Sugerimos ao leitor a leitura do capítulo sobre o marxismo e a revolução iugoslava do livro de Predrag Vranicki (1977). O autor analisa também o marxismo nos vários países socialistas, além da Europa ocidental. Chamamos a atenção do leitor para a revista Socialism in the World, que recolhia o material das Mesas Redondas de Cavtat, Iugoslávia, que se organizaram anualmente entre 1975 e 1988, e de cujo conselho editorial fiz parte. Esta revista recolhe o centro do debate sobre o socialismo, o marxismo, os movimentos nacional-democráticos das décadas de 70 e 80.

(18) Sobre a revolução cubana e seu impacto mundial há uma vastíssima literatura. Sugerimos o livro de Vania Bambirra (1976) como importante revisão da história da revolução cubana. Sobre a situação presente de Cuba, apontamos o livro de Francisco Lopez Segre (1995). O autor apresenta neste livro uma bibliografia bastante bem selecionada sobre a revolução cubana.

(19) O leitor que quiser conhecer mais em detalhe esta nova faceta acadêmica do marxismo pode tomar como guia o Dicionário do Pensamento Marxista, de Tom Bottomore (1988). Ele é em grande parte uma expressão desta nova dimensão acadêmica do marxismo, e um excelente levantamento do que se dispõe sobre a evolução do capitalismo contemporâneo. Mais eclética é a coleção de livros preparada por Eric Hobsbawm (1980-84), muito tributário do marxismo italiano, mais identificado com o movimento de massas do seu país, mas de grande nível acadêmico. A Fondazione Giangiacomo Feltrinelli (1973) organizou uma História do Marxismo Contemporâneo extremamente rica, em sete volumes. Com estes livros coletivos, buscava-se superar os limites das tentativas de autores individuais como Kolakowski (1978), Lichtheim (1970), Cole (1959) e mesmo Gerratana (1975), que não pretendeu abarcar todo o quadro histórico. Veja-se também meu livro com Vania Bambirra (1981).

(20) Dediquei vários trabalhos ao tema, nos quais apresento uma vastíssima bibliografia que recomendo ao leitor interessado. Ver Dos Santos (1975, 1978, 1979, 2 de 1983, 2 de 1987 e 1994).

## Bibliografia

Abdel-Malek, Anouar (1977) Sociologia del Imperialismo. México: Instituto de Investigaciones Sociales.

Amin, Samir (1991) L'Empire du Chaos. Paris: Éditions L'Harmattan

Andersson, Jan Otto (1976) *Studies in the theory of unequal exchange between nations*. Finland: Abo.

Aricó, José (seleção e prólogo) (1978) *Mariátegui y las Orígenes del Marxismo Latinoamericano*. México: Cuadernos de Pasado y Presente.

Ayçoberry, Pierre (1979) *La question nazie - Les interprétations du national-socialisme 1922-1975*. Paris: Éditions du Seuil.

Bambirra, Vania (1993) *A Teoria Marxista da Transição e a Prática Socialista*, Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

Bauer, Otto (1979), *La Cuestión de las Nacionalidades y la Socialdemocracia*, México, Siglo Veintiuno Editores.

Bernstein, Eduard (1982), *Y las Premisas del Socialismo y las Tareas de la Social Democracia*, Siglo XXI Editores, México (esta edição reúne os antigos de 1887-84, o livro de 1889, e as propostas de Bernstein à revisão do programa do Partido Social-Democrata Alemão).

Bernstein/Belfort Bax/Kautsky/Remer (1978), *La segunda internacional y el problema nacional y colonial (1ª parte)*, México: Siglo Veintiuno Editores.

Bettelheim, Charles (1973) *La economía alemana bajo el Nazismo*, 2 vols. Madrid: Editorial Fundamentos.

Bloom, Salomon F. (1975) *El Problema Nacional en Marx*, México: Siglo Veintiuno Editores.

Borjov, Ber (1979), *Nacionalismo y lucha de clases*, México, Siglo Veintiuno Editores.

Beaud, Michel (1981) *Histoire du capitalisme-de 1500 à nos jours*. Paris: Éditions du Seuil.

Bettelheim, Charles (1974) *Les Luites de Classe en URSS, 1ère Période, 1917-1923*, Paris: Seuil/Maspero.

Bettelheim, Charles (1974) *Les Luites de Classe en URSS, 2ème Période, 1923-1930*, Paris: Seuil/Maspero.

Boccaro, Paul (1973) *Études sur le Capitalisme Monopoliste d'État, sa Crise et son Issue*. Paris: Éditions Sociales.

Boukharine, N. (1920) *Économique de la Période de Transition*, Trad. Études et Documentation Internationales, 1976, Paris. Ver Edição em espanhol nos Cadernos Pasado y Presente, México.

Bottomore, Tom (Ed.) (1988) *Dicionário do Pensamento Marxista*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bracher, Karl Dietrich (1973) *La Dictadura alemana - Génesis, estructura y consecuencias del nacionalsocialismo-2 volumes*. Madrid: Alianza Editorial.

Braun, Oscar (1973) *Comercio Internacional e Imperialismo*. Buenos Aires: Siglo XXI.

Brown, Michael Barratt (1975) *La teoría económica del imperialismo*. Madrid: Alianza Editorial.

Brown, Michael Barratt (1976) *Después del imperialismo*. Buenos Aires: Siglo XXI.

Calwer/Kautsky/Bauer/Strasser/Pannekoek (1978), *La segunda*

## ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA CLÁSSICA E POLÍTICA

- internacional y el problema nacional y colonial (2ª parte), México, Siglo Veintiuno Editores.
- Carr, E.H. (1950-1964) *A History of Soviet Russia (The Bolshevik Revolution 1917-23 - 3 vols; The Interregnum 1923-24; Socialism in one Country 1924-26 - 3 vols.* Há edição em espanhol por Editorial Aliança.)
- Carr, E.H. e Davies R.W (1969) *Foundations of a Planned Economy 1926-1929 - 2 vols.* Londres : Macmillan.
- Cassigoli, Armando (1976) *Antología del Fascismo Italiano, série Lecturas n.3.* México : Facultad de Ciencias Políticas y Sociales.
- Chepikov (s/d) *Capitalismo Monopolista de Estado.* México, Ed. Era.
- Cohen, Benjamin J. (1975) *El Imperialismo.* México : Editores Asociados, S.A.
- Cohen, Stephen F. (1976) *Bujarin y la Revolución Bolchevique,* México : Siglo Veintiuno Ed.
- Cole, G.D.H. (1959) *Historia del Pensamiento Socialista,* 7 vols. México : Fondo de Cultura Económica.
- Del Llano, Eduardo (1976) *El Imperialismo : capitalismo monopolista.* La Habana : Editorial Horbe.
- Deng Xiaoping (1987) *Les Questions Fondamentales de la Chine d'Aujourd'hui.* Pequim : Éditions en Langues Étrangères.
- Deutscher, Isaac (1968) *Trotsky (I - O Profeta Armado, II - O Profeta Desarmado, III - O Profeta no Exílio)* Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira
- Deutscher, Isaac (1969) *Stalin,* México : Ed. Era.
- Deutscher, Isaac (1970) *Lenin, los Años de Formación,* México : Ed. Era.
- Dos Santos, Theotonio (1971) *La Crisis Norte Americana y América Latina.* Santiago : Ed. PLA.
- Dos Santos, Theotonio (1975) "Concentración Tecnológica, Excedente e Inversión", *Problemas del Desarrollo*, n.22.
- Dos Santos, Theotonio (1978) *Imperialismo y Dependencia.* México, Ed. Era.
- Dos Santos, Theotonio e Bambirra, Vania (1981) *La Estrategia y Táctica Socialistas de Marx y Engels a Lenin,* 2 vols. México : Editora Era.
- Dos Santos, Theotonio (1983) *Teorias do Capitalismo Contemporâneo.* Belo Horizonte : Ed. Vega.
- Dos Santos, Theotonio (1983) *Revolução Científico-Técnica e Capitalismo Contemporâneo.* Petrópolis : Ed. Vozes.
- Dos Santos, Theotonio (1987) *Revolução Científico-Técnica e Acumulação de Capital.* Petrópolis : Ed. Vozes.
- Dos Santos, Theotonio (1987) *La Crisis Internacional del Capitalismo y los Nuevos Modelos de Desarrollo.* Buenos Aires : Ed. Contrapunto.
- Dos Santos, Theotonio (1993) *Economia Mundial, Integração Regional e Desenvolvimento Sustentável - As novas tendências da economia mundial e a integração latino-americana.* Petrópolis : Ed. Vozes.
- Dos Santos, Theotonio (1994) *A Revolução Científico-Técnica, A Divisão Internacional do Trabalho e o Sistema Econômico Mundial.* Vitória : Cadernos ANGE.
- Elizondo, José Rodríguez (1976) *Introducción al Fascismo Chileno.* México : Editorial Ayuso.
- Erhch, A (1960) *The Soviet Industrialization Debate,* Cambridge : Harvard University Press.
- Fann, K.T. e Hodges, Donald C. (editores) (1971) *Readings in U.S. Imperialism.* Boston : An Extending Horizons Book.
- Fieldhouse, David K. (1978) *Economía e Imperio-la expansión de Europa 1830-1914.* México : Siglo XXI.
- Fondazione Giangiacomo Feltrinelli (1973) *Storia del Marxismo Contemporaneo,* 7 vols. Milão : Feltrinelli.
- Frank, André Gunder (1978) *World Accumulation : 1492-1789.* New York : Monthly Review Press.
- Frank, André Gunder (1980) *Crisis : In the World Economy.* New York : Holmes & Meier.
- Frank, André Gunder (1980) *Crisis : In the Third World.* New York : Holmes & Meier.
- Freeman, C. (1981) "Long Waves inventions and innovations", *Futures* : agosto/81.
- Freeman, C., Soete, L. e Clark, J. (1982) *Unemployment and technical innovation. A study of long waves and economic development.* Londres : Frances Pinter.
- Freeman, C. (1984) *Long Waves in the world economy.* Londres : Frances Pinter.
- Galkin, A. (1975) *Fascismo, Nazismo, Falangismo.* La Habana : Editorial Orbe.
- Gerratana, Valentino (1975) *Investigaciones sobre la Historia del Marxismo,* 2 vols. México : Grijalbo.
- Grossman, Henryk (1979) *La Ley de la Acumulación y el Derrumbe del Sistema Capitalista.* México : Siglo XXI.
- Gruppe Arbeiterpolitik (1974) *Il Fascismo in Germania.* Milano : Jaca Book.
- Hobsbawn, E.J (1990), *Nations and Nationalism since 1780,* Cambridge, Cambridge University Press.
- Ianni, Octavio (1974) *Sociologia del Imperialismo.* México : Sep Setentas.
- Ingenieros, José (1979), *Antimperialismo y Nación,* México, Siglo Veintiuno Editores.
- Jaffe, Hosea (1976) *El Imperialismo Hoy.* Madrid : Ed. Zero
- Jaffe, Hosea (1977), *Marx e il colonialismo,* Milano, Editoriale Cooperativa Jaca Book.
- Jaffe, Hosea (1980) *The Pyramid of Nations.* Milano : Victor (edição em inglês).
- Kalmanovitz, Salomón (1977) : "Notas sobre la formación del estado y la cuestión nacional en América Latina", Bogotá : *Revista Ideología y Sociedad*, n.20 - enero/marzo 1977.
- Kautsky, Karl (1977), *La questione coloniale,* Milano, Feltrinelli Editore Milano.
- Kolakowski, Leszek (1978) *Main Currents of Marxism,* 3 vols. Oxford : Oxford University Press.
- Kondratieff, Nicolai D. (1992) *Les Grands Cycles de la Conjoncture.* Paris : Economica.
- Korsch, Karl; Mattick, Paul e Pannekoek, Anton (1978) *Derrumbe*

del capitalismo o sujeto revolucionario? Cuadernos de Pasado y Presente, n.78. México : Siglo XXI.

Kozo Uno (1980) *Principles of Political Economy : Theory of a Purely Capitalist Society*, Humanities. New York : Atlantic Highlands.

Lenin, Vladimir (1969) *Cahiers Philosophiques*. Paris : Éd. Sociales.

Lenin, W.I. (1970) *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. São Paulo : Abril Cultural (Os Economistas). Original russo : 1899.

Lenin, Vladimir (1975) *Materialismo e Empírio-Criticismo*. Lisboa : Estampa.

Lenin, W.I. (1979) *Imperialismo, fase superior do Capitalismo*. São Paulo : Alfa-Ômega, Obras Escolhidas, vol.1. Edição original em russo : 1916.

Lichtheim, George (1970) *Breve Historia del Socialismo*. Madrid : Alianza Editorial.

Lichtheim, George (1972) *El Imperialismo*. Madrid : Alianza Editorial.

Lin Piao (1975) *La Revolución Cultural China*. México : Grijalbo.

Liu Shao-Chi (1973) *Para ser um Bom Comunista*. México : Roca.

Lowy, A.G. (1976) *El Comunismo de Bujarin*, México : Siglo Veintiuno Ed.

Löwy, Michael (1977) "Los marxistas y la cuestión nacional", "La cuestión nacional en América Latina", Bogotá: *Revista Ideología y Sociedad*, n. 20 - enero/marzo 1977.

Luxemburgo, Rosa (1974) *Obras Escolhidas*, México: Editora Era.

Luxemburgo, Rosa (1967) *La Acumulación Del Capital*, Grijalbo, México (edição original, 1912).

Macpherson (1978) *A Democracia Liberal : Origens e Evolução*, Rio de Janeiro : Zahar Editores.

Macpherson (1979) *A Teoria Política do Individualismo Possessivo de Hobbes até Locke*, S.Paulo: Paz e Terra.

Magdoff, Harry (1977) *Ensayos sobre el Imperialismo - Historia y Teoria*. México : Editorial Nuestro Tiempo.

Magdoff, Harry (1978) *A Era do Imperialismo*. São Paulo : Ed. HUCITEC.

Mallén, Rubén Salazar (1977) *El Estado Corporativo Fascista, série Lecturas n.6*. México : Facultad de Ciencias Políticas y Sociales.

Mandel, Ernest (1975) *Late Capitalism*. Londres : New Left.

Mao Tsé-Tung (1961-77) *Selected Works*, 5 vols. Pequim : Foreign Language Press.

Mao Tsé-Tung (1979) *O Pensamento de Mao Tsé-Tung*. Rio de Janeiro : Paz e Terra.

Marini, Ruy Mauro e Millán, Mária (1994) (coordenadores) *La Teoria Social Latinoamericana - Vols.I (Las Orígenes); II (Subdesarrollo y Dependencia) e III (La centralidad del marxismo)*, México : Ediciones El Caballito.

Marini, Ruy Mauro e Millán, Mária (1995) (coordenadores), *La Teoria Social latino-americana - Textos Escogidos*, vols I (De los Drínguns a la CEPAL), II (La Teoria de la Dependencia) e III (La centralidad del marxismo). Edição UNAM, México.

Mehring, Franz (1897-98) *Geschichte der deutschen sozialdemokratie*. Stuttgart : J.H.W. Dietz. (Há tradução para o italiano).

Menchikov, S. (1976) *Le Cycle Économique*. Moscou : Éditions du Progrès. (edição em francês).

Mommsen, Wolfgang J. (1975) *La época del imperialismo-Europa 1885-1918*. Madrid : Siglo XXI.

Moore, Stanley (1979) *Crítica de la Democracia Capitalista*, México: Siglo Veintiuno.

Moszkowska, Natalie (1978) *Contribución a la crítica de las teorías modernas de las crisis*. México : Cuadernos de Pasado y Presente n.50, Siglo XXI.

Moszkowska, Natalie (1981) *Contribución a la dinámica del Capitalismo tardío*. México : Cuadernos de Pasado y Presente n. 91, Siglo XXI.

Ngo Mahn-Lan (organizador) (1984) *Unreal Growth - Critical Studies on Asian Development*. Delhi : Hindustan Publishing Corporation.

Nin, Andreu (1977) *Las dictaduras de nuestro tiempo*. Barcelona : Editorial Fontamara.

Owen, Roger e Stuccliffe, Bob (editores) (1972) *Studies in the theory of imperialism*. Londres : Longman Group Limited.

Preobrajensky (1919) *Por uma Alternativa Socialista*, Barcelona : Ed. Fontanara.

Preobrajensky (1926) *La Nouvelle Économie*, Études et Documentation Internationales, 1976, Paris.

Radice, Hugo (editor) (1975) *International Firms and Modern Imperialism*. Inglaterra : Penguin Books.

Ramos Oliveira, Antonio (1952) *Historia Social y Política de Alemania*. México : Fondo de Cultura Económica.

Reich, Wilhelm (1973) *La Psicología de Masas del Fascismo*. México : Roca.

Rhodes, Robert I. (editor) (1970) *Imperialism and Underdevelopment*. New York : Monthly Review Press.

Richa, Radovan (1969), *La civilization ou Carrefour*, Anthropos, Paris. Há edição em espanhol. Em português há uma edição expurgada pela censura do PC Tchecoslovaco.

Rosdolsky, Roman (1980), *Friedrich Engels y el problema de los pueblos "sin historia"*, México, Siglo Veintiuno Editores.

Rostow, W.W (1978) *The World Economy : History and Prospect*. Austin : University of Texas Press.

Sarti, Roland (1973) *Fascismo y burguesía industrial - Italia 1919-1940*. Barcelona : Editorial Fontanella.

Segrera, Francisco López (1995) *Cairá Cuba?*. Petrópolis : Ed. Vozes.

Schlesinger, Rudolf (1974) *La internacional comunista y el problema colonial*, México, Siglo Veintiuno Editores.

Schram, Stuart R. (1969) *The Political Thought of Mao Tsé-Tung*. New York : Praeger

Schram, Stuart R. e Carrière D'Encausse, Hélène (1974) *El Marxismo y Asia-1953-1964*. México : Siglo XXI.

Schumpeter, Joseph, (1939) *Business Cycles : a theoretical, historical, statistic analysis of the capitalist process*. 2 vols. New York : McGraw-Hill.

Soler, Ricaurte (1975) *Clase y Nacion en hispanoamerica-siglo XIX*, Panamá, Ediciones de la revista Tareas.

Soler, Ricaurte (1976) *Panamá: Nacion y Oligarquia 1925-1975*, Panamá, Ediciones de la revista Tareas.

## ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA CLÁSSICA E POLÍTICA

---

Soler, Ricaurte (1980) *Idea y cuestión nacional latinoamericanas*, México, Siglo Veintiuno Editores.

Stalin, José (1973) *El marxismo y el problema nacional*, Buenos Aires, Ediciones CEPE.

Stenberg, Fritz (1979) *El Imperialismo*. México : Siglo XXI. (original alemán : 1926).

Strachey, J. (1973) *Natureza de la Crisis*. México : Publicaciones Económicas La Habana.

Sweezy, Paul (1982) *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*, Rio de Janeiro : Zahar Editores. (primeira edição em inglês publicada em 1942).

Sweezy, Paul e Barau, Paul (1996), *O Capital Monopolista*, Zahar Editores, Rio de Janeiro (a data corresponde à edição original em inglês pela Monthly Revision, N.York).

Telò, Mario (organizador) (1981) *La Crisis del Capitalismo en los años 20*. Cuadernos de Pasado y Presente n.85. México : Siglo XXI.

Trotsky, León (1930-31) *La Lucha contra el Fascismo en Alemania*. Buenos Aires : Ediciones Pluma.

Tsuru, Shigeto (1976), *Towards a New Political Economy*. Tokyo: Kodansha Ltd.

Tsuru, Shigeto (1993), *Institutional Economics Revisited*, Cambridge University Press, Cambridge.

Varga, Eugenio (1935) *La Crisis y sus consecuencias políticas*. Barcelona : Ediciones Europa-América.

Varga, Eugenio (1957) *Problemas Fundamentales de la Economía y de la Política del Imperialismo*. México : Editorial Cartago.

Vidal Villa, J. M. (1976) *Teorias del Imperialismo*. Barcelona : Editorial Anagrama.

Vranicki, Predrag (1977) *Historia del Marxismo*, 2 vols. Salamanca : Ediciones Sígueme.

Wallerstein, Immanuel (1974) *The Modern World System*. New York : Academic Press.

Woolf, S. J. (1970) *El Fascismo Europeo*. México : Editorial Grijalbo.

Woolf, S. J. (1974) *La naturaleza del Fascismo*. México : Editorial Grijalbo.